

# O CAMINHO VIRTUOSO E A TEURGIA DE JÂMBLICO

## THE VIRTUOUS PATH AND THE THEURGY OF IAMBlichUS

JULIO CESAR MOREIRA\*

**Resumo:** Jâmblico, em sua escola filosófica neoplatônica, estabeleceu um inovador e influente *curriculum* educacional visando um gradual progresso virtuoso, que se iniciava pelas virtudes ético-políticas, culminando com as virtudes teúrgicas. É sabido, desse modo, como o filósofo, de fato, deu primazia à Teurgia em relação à Filosofia. Contudo, a necessidade de uma educação filosófica não se perde nem é diminuída. Este artigo busca evidenciar esta íntima relação da Teurgia com a Filosofia, e de que forma, para o filósofo, havia o pré-requisito de uma formação ética para se progredir às mais elevadas virtudes.

**Palavras-chave:** Jâmblico, Teurgia, virtudes, ética, rituais, Neoplatonismo.

**Abstract:** Iamblichus in his neoplatonic philosophical school established an innovative and influent educational *curriculum* aspiring at a gradual virtuous progress initiated by ethical-political virtues culminating with the theurgical virtues. It is then a common ground that the philosopher has actually given primacy to Theurgy in relation to Philosophy. Nevertheless, the need for a philosophical education is not lost nor even diminished. This article intends to show this intimate relation of Theurgy and Philosophy, and how, for the philosopher, the ethical education and development was a prerequisite for the progress to the higher virtues.

**Keywords:** Iamblichus, Theurgy, virtues, ethics, rituals, Neoplatonism.

Jâmblico, filósofo neoplatônico do início da era cristã (240-325 D.C), foi um dos grandes e influentes mestres da filosofia de sua época, para nós mais conhecido por ser um dos fundamentais elos do estudo da filosofia pitagórica e deveras controverso por ser um mestre teurgo. Se Jâmblico foi reconhecido e estimado ainda em vida, bem mais o foi após sua morte, seus discípulos e seguidores o intitularam divino<sup>1</sup> e mais tarde o Imperador Juliano

---

\* Julio Cesar Moreira é doutorando, bolsista CAPES, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. E-mail: jcesar.moreira@hotmail.com.

<sup>1</sup> Para um recolhimento de diversas declarações de Jâmblico como *theios* ver: ZELLER. Eduard. *Die Philosophie der Griechen*. Hildesheim: Georg Olms, 1963, v.3:2, p.378-79, n. 2 *apud* SHAW, 1995, p.26, n.13.

(331–363 D.C.) o equiparou a Platão em genialidade<sup>2</sup> –, apesar disso, pouco se desfruta dessa genialidade, pois a maioria de suas obras perdeu-se. Para nós, a obra mais relevante do pensamento de Jâmblico, que sobreviveu até os dias atuais, é também a sua mais controversa, o *De Mysteriis*, uma abreviação do título cunhado por Marsilio Ficino em 1497: *De Mysteriis Aegyptiorum, Chaldaeorum, Assyriorum*. O título original da obra é “A Resposta do Mestre Abammon à carta de Porfírio para Anebo, e as soluções às dificuldades contidas nela” (Αβάμμωνος διδασκάλου πρὸς τὴν Πορφυρίου πρὸς Ἀνεβῶ ἐπιστολὴν ἀπόκρισις καὶ τῶν ἐν αὐτῇ ἀπορημάτων λύσεις). Apesar de não ser tão atrativo quanto o título atribuído por Ficino, o original reflete melhor o assunto de que trata a obra. Nela, Jâmblico escreve com a autoridade de um sacerdote da sabedoria egípcia, sob o nome de Abammon, e com isso procede para sanar as dúvidas e dificuldades referentes aos princípios da Teurgia aplicadas em sua escola, formuladas por Porfírio em sua *Carta para Anebo*<sup>3</sup>. Em suas respostas, Jâmblico pretende esclarecer ao seu crítico interlocutor a verdadeira natureza das interações entre os mundos divino e humano encontradas nos cultos gregos tradicionais (através de rituais, sacramentos, orações e profecias) e na arte teúrgica.

Jâmblico propõe a Teurgia, a ação dos deuses durante os atos ritualísticos, como meio para o ser humano cumprir o inato impulso de retorno ao Bem/Uno (*epistrophê*)<sup>4</sup>. Assim, para a alma humana que na materialidade encontra-se distanciada Dele, a ascese pelo caminho de purificação e busca de virtudes se estabelece não apenas para que nos tornemos puros e virtuosos em si, mas, um tanto divinos. Tal ascese, afinal, não é despertada sem que

<sup>2</sup> JULIANO, *Oratio* IV.

<sup>3</sup> A identidade de Anebo não é conhecida, mas supostamente seria um sacerdote egípcio pupilo de Jâmblico, que por sua vez adota o pseudônimo egípcio “Abammon” para responder a carta. Sobre esse assunto ver CLARKE; DILLON; HERSHBELL (2004, p.XXVII-XXXVII); Shaw (1995, p.7-8); CLARKE (2001, p.8-9).

<sup>4</sup> No Neplatonismo tardio encontra-se um esquema triádico da manifestação no qual uma entidade inteligível procede da sua unidade à multiplicidade e retorna a si mesma, enquanto sua identidade essencial permanece imutável num nível inicial; a sistematização desse conceito é encontrada em Proclo, denominado por ele como “cíclico” (*El. Th.*, prop. 33.), um movimento triplo de permanência, processão, e retorno (*monè, próodos, epistrophê*). Fases de um processo dinâmico, simples e contínuo (ocasionalmente considerado simultâneo) que infunde unidade-diversidade, causalidade e predicação; essencialmente uma relação metafísica e lógica. A aplicação teúrgica desse princípio determina que aquilo que “descende” à pluralidade deve “ascender” à sua fonte – ao ser elevado move-se da complexidade para a simplicidade, uma redução (*anagogé* na lógica Aristotélica). (SIORVANES, 1996, p.105-109; LLOYD, 1982, p. 18-45)

antes reconhecemos a feiura do homem perante a beleza divina, nos afirma o filósofo (*De Myst.*, I.11.39,3–13). A busca inata pelo Belo, e o subsequente retorno ao Bem/Uno, cumpre-se na Teurgia, o caminho para a *eudaimonia* (*De Myst.*, X.5)

O resultado dessa obra foi bem definido por Shaw (1995): “Jâmblico revelou a íntegra conexão entre os rituais de cultos de devoção e as disciplinas da *paidéia* filosófica” (SHAW, 1995, p.2). Com suas extensas respostas às questões de Porfírio, Jâmblico criou uma estrutura filosófica para a tradição pagã e mudou o curso do Platonismo. O *De Mysteriis* e a Teurgia de Jâmblico tornaram-se a fundamentação para a renascença e continuidade das comunidades platônicas até o fechamento da Academia de Atenas por Justiniano, em 529 D.C., e posteriormente - para os Platonistas em exílio - na fronteira da cidade de Harran onde o Platonismo de Jâmblico por fim passou para as mãos árabes, prosperando até o décimo século (SHAW, 1995, p.8).

Muito amplos e complexos foram as contribuições e desenvolvimentos do filósofo – solo este ainda carente de pesquisa e reconhecimentos –, mas dentre muitas coisas, é sabido que Jâmblico sistematizou metodológica e filosoficamente o Platonismo que herdou, e articulou um *curriculum* educacional que começou com uma grade de estudos pitagóricos, antes de proceder ao estudo dos textos platônicos e aristotélicos (FINAMORE; DILLON, 2002, p.6-7). Porém, apenas restaram registros relativos à grade referente aos platônicos, que começam pelo *Primeiro Alcibiádese* terminam com *Timeu* e *Parmênides* (O’MEARA, 2003, p.62-65). Toda a grade de estudos estava profundamente relacionada a uma metodologia exegética inovadora, onde os alunos eram iniciados numa tradição de sabedoria transformativa<sup>5</sup>. O primeiro ciclo elevava os estudantes na escala de virtudes e de ciências; o segundo ciclo dizia respeito somente aos mais altos níveis, as ciências teóricas da física e, especialmente, teologia (O’MEARA, 2003, p.62-63). Sabemos que o primeiro ciclo era dividido em duas etapas, onde a primeira lidava com uma educação virtuosa ética e política, que O’Meara nomeia de purificatória, para depois passar a uma educação científica (O’MEARA, 2003, p.63-64). Apesar desse estruturado *curriculum* filosófico, para Jâmblico, o alcance último da Filosofia, ou seja, a união com os deuses (X.5.292,1-3) e a ascensão ao Bem/Uno (*De Mysteriis*, V.22.230,12–231,2), cumpre-se na Teurgia. Aqui, veremos como esse progresso virtuoso, iniciado pela educação das virtudes ética e

<sup>5</sup> A esse respeito ver ATHANASSIADI (2002).

política, era fundamental para a participação nos rituais teúrgicos e o alcance desse objeto último da filosofia, conforme o entendimento de Jâmblico.

#### A ARTE TEÚRGICA E AS VIRTUDES

Sabe-se que, na escola de Jâmblico, a participação nos rituais não era aberta a todos os estudantes. Eunápio (347 – 414 D.C), a quem deve-se a biografia documentada de Jâmblico, nos conta que, certa vez, um boato espalhou-se entre seus discípulos: que durante suas orações ele levitava e seu corpo sofria uma transfiguração. Com isso, seus discípulos foram questioná-lo sobre essas habilidades, e mesmo Jâmblico não sendo muito propenso a dar risadas (segundo Eunápio), ele caiu em gargalhadas ao escutar a história e disse: “Aquele que os iludiu era um gozador; mas os fatos são diferentes. No futuro, todavia, vocês hão de estar presentes em tudo o que ocorre.” (EUNÁPIO, *Vit. Soph.*, p.367)

No relato está claro o fato de que havia discípulos que não participavam dos rituais, mas que um dia “hão de estar presentes”. Provavelmente o pré-requisito para participação nos rituais teúrgicos era, pelo menos, a completude do primeiro ciclo dos estudos platônicos no *curriculum* de sua escola, que, como vimos, abordavam as virtudes ética e política. Isso podemos inferir por diversas passagens do *De Mysteriis*: primeiro, em II.11, ele diz que o teurgista pode até ser ignorante em relação ao que está executando, tanto em termos de τέχνη ou de *epistême*, e ainda assim o ritual será eficaz, pois a Teurgia não se baseia só na habilidade e conhecimento humano, e a união divina e a purificação ocorrem além de toda concepção (ὕπερ πᾶσαν νόησιν; II.11.96,14) e conhecimento (ὕπερήνωται; II.11.98,9). Vê-se, portanto, que não há a necessidade do segundo ciclo dos estudos platônicos de seu *curriculum* para a participação nos rituais, visto que referem-se às ciências teóricas da física e da teologia. Isso é, ainda, reforçado mais adiante, no Livro III, quando confirma e responde um questionamento de Porfírio a respeito das pessoas simples, de pouca instrução, que normalmente são possuídas nos rituais<sup>6</sup> (III.24.157,12-14).

Todavia, embora não haja restrição de conhecimentos teórico e científico, os perigos da participação e execução dos rituais por pessoas poluídas (μιασμούσ) são fortemente ressaltados por Jâmblico no *De Mysteriis*

<sup>6</sup> Há uma longa tradição mantida na antiguidade em relação à simplicidade do indivíduo possuído. Para vários exemplos recolhidos a esse respeito, indo desde Eurípedes e Platão até Sêneca e Plutarco ver *ad loc* CLARKE; DILLON; HERSHBELL, 2004, p.163, n.217.

(III.31.176,13-117,6 III.13.130,2-3; III.13.130,3-6; III.13.129,17-18; 131,6-14; III.29.173,2-6; III.31.177,7-12). Ocorre que a aplicação da Teurgia, ao colocar a alma em harmonia com o divino, determina-se pelas noções de *philia*, *koinonia* e afinidade entre semelhantes (*sympátheia*)<sup>7</sup>. Jámblico identifica uma estrutura cósmica tendo a *philia* e *koinonia* como agentes efetivos dentro dessa estrutura. Há um “único laço de amizade (φιλία), envolvendo a totalidade dos seres, efetivando esse laço (συνδέσμων) por meio de inefáveis processos de comunhão (κοινωνία)” (*De Myst.*, V.10.211, 12-14). O poder unificador da *philia* e *koinonia* define o cosmos como uma unicidade, onde todas as coisas dentro dele estão interconectadas e relacionadas (IV.12.195,10-196,6). A *philia* universal é o princípio que mantém todo o cosmos unido (V.10.211,3-6). Já a noção de afinidade entre semelhantes (συμπαθῶς δι’ ὁμοιότητα, IV.10.193,14) em conciliação a esse entendimento do cosmos, acrescenta a noção de que a relação entre as partes ocorre através da semelhança e afinidade.

Um exemplo da má aplicação teúrgica é expresso no caso da feitiçaria. Embora a influência dos deuses materiais fosse universal e atuante sob esse princípio de *sympátheia*, o feiticeiro “direciona essa dádiva a coisas básicas de acordo com a sua vontade e contrário à justiça” (*De Myst.*, IV.10.194, 1-2). Jámblico prossegue:

A influência [dos deuses] faz com que coisas que estão extremamente separadas movam-se juntas de acordo com a harmonia una do cosmos, mas se alguém que entende isso tenta atrair certas partes do universo com outras partes de uma forma perversa, as partes não são de forma alguma a causa da perversão, mas a audácia do homem e de sua transgressão da ordem cósmica, pervertendo coisas que são belas e regradas. (*De Myst.*, IV.10.194, 2-7)

No entanto, ocorre que a perversidade do feiticeiro retorna para si:

Se alguém toma as coisas que contribuem apropriadamente para a perfeição do universo e as diverge para outro propósito e ilegitimamente alcança alguma coisa, o dano daquilo que ele tem usado deturpadamente recairá pessoalmente sobre ele mesmo. (*De Myst.*, IV.1.182, 11-13)

<sup>7</sup> Note-se que a argumentação filosófica da eficácia do ritual para o contato com o divino, bem como toda a articulação ontológica e metafísica, é uma das grandes e influentes teorias contidas na obra *De Mysteriis*, mas que não abordados nessa comunicação. Esses tópicos encontram-se elaborados, com significativo aprofundamento, em minha dissertação de mestrado: MOREIRA, J. C., 2013.

Nota-se, então, o profundo enlace da Filosofia e da Teurgia, pois ao relembrar todo o *curriculum* e exegese filosóficos criados por Jâmblico, iniciado pela educação virtuosa ética, política e científica, tem-se como a filosofia prepara o homem, elevando-o em suas virtudes, para o contato com o divino, e, ao mesmo tempo, utiliza-se da Teurgia como τέχνη<sup>8</sup>, possibilitando o alcance da máxima realização: a “união com os deuses que são os provedores de todas as coisas boas” (X.5.292,1-3).

#### AS MANIFESTAÇÕES DIVINAS E A ASCENSÃO DAS VIRTUDES

Jâmblico, no livro II do *De Mysteriis*, inicia uma extensa discussão acerca dos aspectos e das características das manifestações (επιφάνειαι) divinas, e, seguindo Porfírio, questiona como é possível detectar e distinguir a presença de cada ordem divina num ritual teúrgico. Concentrando-se na luminosidade e na uniformidade das aparições (φάσματα), Jâmblico afirma que os seres divinos são apreensíveis para os teurgistas, relatando, sempre nas características da luz, uma escala decrescente de aparições do mais resplandecente e mais uniforme às mais variadas e dispersas formações.

A hierarquia elaborada compreende deuses, arcanjos, anjos, dois tipos arcontes, *daímones*, heróis e as almas humanas purificadas. Nessa progressiva ordem hierárquica são relatados os benefícios que as manifestações trazem àquele que as recebe, de forma correspondente. Nas manifestações dos *daímones* e heróis, que estão no patamar mais baixo, próximo às almas humanas e a materialidade, não somos removidos da materialidade e das percepções sensoriais (II.5.79,7-8;81,1-4), e suas manifestações conferem, quando a ordem cósmica (κόσμου τάξις) permite, benefícios ao corpo apenas (II.9.89,9-11). Já, em uma ordem mais elevada como, por exemplo, a dos arcanjos, transmitem-se bens mais elevados. Os arcanjos aumentam o poder e a capacidade das disposições da alma, levando a um estado mental de plena serenidade, com um poder estável de contemplação intelectual (II.9.88,1-2). E no caso dos deuses, são transmitidos os maiores bens (II.9.88,15-17) para todos os aspectos da existência humana, ou seja, alma, corpo e intelecto, elevando o indivíduo ao seu máximo potencial proporcionando a habilidade de enxergar o incorpóreo como corpóreo (II.6.81,9-15), levando as almas à perfeição (II.5.79,6-7), libertando-as imediatamente da matéria (II.5.80,12-81.1),

<sup>8</sup> Jâmblico, de fato, define a Teurgia como uma τέχνη e a compara com outras artes e ciências. Ele argumenta que assim como não julgamos ou criticamos outras τέχναι ou επιστήμαι pelas suas falhas, não devemos fazê-lo no caso da θεουργική τέχνη (II.10.92,3-5).

conduzindo à perfeita liberdade, acima das paixões, participando no amor divino em estado mental de plena felicidade (II.9.87,11-14).

Fica clara, então, a relação progressiva da ordem hierárquica divina estabelecida no Livro II e uma necessária ascensão qualitativa de virtudes no homem. Essa mudança qualitativa habilita, devido à *sympátheia*, o contato com níveis mais elevados na hierarquia divina, e de forma gradual encaminha em direção ao Bem. Nas palavras de O'Meara: "A escala de virtudes de Jâmblico segue como um método de divinização progressiva, um processo de uma complexidade digna da visão de mundo metafísica dos neoplatonistas tardios." (O'MEARA, 2003, p.49).

Vale lembrar, aqui, da insistência de Jâmblico por todo o *De Mysteriis*, de que o divino manifesta-se e concede suas dádivas não por coerção humana, de forma alguma. São recorrentes as passagens afirmando que todas as maravilhas e demonstrações de poder vêm somente dos deuses (I.21.66,6-16; II.11.95,15-99,10; III.1.100,10-101,7; III.18-19; III.22.153,18-154,17; III.31.178,16-179,12). A demonstração das manifestações teúrgicas é, para Jâmblico, uma prerrogativa estritamente divina, de modo que a presunção de que o homem tem os poderes e o direito de manipular os deuses através de alguma orquestração mágica, do que Plotino acusou os gnósticos (Enéadas II.9.14,1-9), está totalmente em desacordo com a ideia de Jâmblico do que é ser um *θεουργός*, ou do que seja a *θεουργία*. Jâmblico, inclusive, argumenta contrariamente à citação homérica de que "os deuses devem render-se" em resposta às nossas encantações (VIII.8.271,18-272,15; *Íliada* 9.497), e ao longo de todo o *De Mysteriis* formula suas teorias, de forma consistente, contrárias a qualquer noção de que o homem possa influenciar os deuses. Jâmblico, de fato, mostra seu comprometimento com a ideia de que os rituais religiosos conduzem o praticante a uma harmonia cooperativa com as entidades divinas. Gregory Shaw afirma, ainda, que a *θεουργία* é um processo que completa os atos da criação divina, e a define como "a manifestação ritual dos poderes divinos" (SHAW, 1995, p.45-69;153). O *θεουργός* não age sobre os deuses, mas atua ou imita os atos dos deuses, um papel certamente mais transitório-temporário-provisório, pois não é poder natural, mas atribuição pela graça divina. Nesse sentido, o teurgo habilita-se a comandar alguns espíritos, pois ele se torna um canal do poder divino, e sua habilidade em fazê-lo não é inata nem deve ser motivo de orgulho (II.2; IV.1-3; VI.6). Como já apontado, Jâmblico exalta os perigos da arrogância e impiedade, tendo como pré-requisito a virtude e a moral para os participantes dos sagrados rituais (III.31.178,12-13; V.4.105,9-11). Ressalta, ainda, os perigos

que aguardam aqueles que tentam intrometer-se nos poderes divinos sem o devido respeito e humildade (III.13.129,17-18; 131,6-14).

Enfim, Jâmblico de fato deu primazia à Teurgia em relação à Filosofia, como relata Damáscio<sup>9</sup>, contudo, tal relação não deve ser entendida como um desmerecimento ou um descarte da Filosofia, afinal Jâmblico tendo sido tão importante filósofo, de vastas contribuições em comentários aos textos dos antigos mestres e obras de grande influência, como poderia ter simplesmente desmerecido a Filosofia? Deve-se entender, então, que tal relação ocorre no sentido de que a Teurgia apresenta-se como a τέχνη última a que se ascende após uma vasta preparação filosófica, para, assim, com a Filosofia elevando o homem em suas virtudes, a arte teúrgica pode, apropriadamente, efetivar a união com os deuses e o subsequente retorno ao Bem/Uno.

Recebido em fevereiro 2014

Aceito em julho 2014

#### BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- ATHANASSIADI, Polymnia. The Creation of Orthodoxy in Neoplatonism. In: CLARK, G; RAJAK, T. *Philosophy and Power in the Graeco-Roman World*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p.271-291.
- CLARKE, Emma C. *Iamblichus' De Mysteriis. A manifesto of the miraculous*. Aldershot, Hampshire: Ashgate, 2001.
- DAMÁSCIO. *In Phaedonem*. In: *The Greek Commentaries on Plato's Phaedo, Vol. 2: Damascius*. Translated and edited by L. G. Westerink. New York: North-Holland, 1977.
- EUNÁPIO. *VITAE SOPHISTARUM*. In: WRIGHT, Wilmer Cave. *Philostratus and Eunapius; The Lives of the Sophists*. London: William Heinemann, 1921.
- JÂMBLICO. *De Anima*. Text, translation, and commentary by John F. Finamore and John M. Dillon. Leiden, Boston: Brill, 2002.
- \_\_\_\_\_. *De Mysteriis*. Translated with an introduction by Emma C. Clarke, John M. Dillon and Jackson P. Hershbell. Leiden, Boston: Brill, 2004.
- JULIANO. *The Works of the Emperor Julian*. Tradução de W. C. Wright. Cambridge: Harvard University Press, 1969. 3 vols.

<sup>9</sup> “Para alguns a filosofia é primária, assim como Porfírio e Plotino e um grande número de outros filósofos; para outros as práticas hieráticas, como Jâmblico, Siriano, Proclo, e a escola hierática em geral” (DAMÁSCIO, *In Pbd.*, I.172)



- LLOYD, A. C. Procession and Division in Proclus. In: BLUMENTHAL, H. J; LLOYD, A. C. (eds). *Soul and the Structure of Being in Late Neoplatonism: Syrianus, Proclus, and Simplicius: Papers and Discussions of a Colloquium Held at Liverpool, 15-16 April 1982*. Liverpool: Liverpool University Press, 1982.
- MOREIRA, J. C. *Filosofia e Teurgia no De Mysteriis de Jâmblico: Um estudo dos Livros I, II e III*. Dissertação (Dissertação de mestrado) — PUC, São Paulo, 2013.
- O'MEARA, D. *Platonopolis: Platonic Political Philosophy in Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press. 2003.
- PROCLO. *Elements of Theology. A Revised Text with Translation, Introduction, and Commentary* by E. R. Dodds. Oxford: Oxford University Press, 1933.
- SHAW, Gregory. *Theurgy and the Soul: The Neoplatonism of Iamblichus*. University Park, Pennsylvania: Penn State University Press, 1995.
- STORVANES, Lucas. *Proclus: Neo-Platonic Philosophy and Science*. Cambridge, Massachusetts: Yale University Press, 1996.